DIÁRIO DO GRANDE ABC
Publicado em 13/07/2023 - 07:47

Região como expoente do rock

Incendiários e contestadores

Região como expoente do rock

No Dia do Rock, Grande ABC é lembrado por ser local onde a música de protesto se propagou

BEATRIZ MIRELLE
beatrizmirelle@dgabc.com.br

André Henriques

ICONE. Mao, da Garotos Podres, acredita que rock tem público fiel e vê genêro como espaço de resistência

O polo industrial do Grande ABC sempre foi uma das características mais marcantes da região. O início da produção fabril foi responsável por atrair, principalmente entre as décadas de 1960 e 1970, a chegada de grande contingente populacional vindo do Interior de São Paulo e de outros estados brasileiros. Com esse público suscetível ao novo, o rock n'roll ganha na classe operária alto número de adeptos ao gênero musical. Incendiários, contestadores e revolucionários, os jovens foram essenciais para tornar a região um berço de novos artistas. No Dia Mundial do Rock, comemorado hoje, o Grande ABC é lembrado como local onde a música de protesto recebeu influências dos movimentos sindicais e a sonoridade se alastrou através de ensaios nas garagens e divulgações em rádios e clubes.

Espaços como Ocara Clube e Aramaçan, em Santo André, Esporte Clube São Caetano e Associação dos Funcionários Públicos em São Bernardo, proporcionaram inúmeras festas e bailes do rock regional. Nomes como Os Botões (depois The Buttons), Porão 99, Ulster, DZK e Subviventes surgem nesse contexto. "O Grande ABC foi muito importante por conta da indústria automobilística e crescimento populacional. A industrialização também provocou o aumento da presença do operariado. Isso atraiu os meios de comunicação. Surgiram novas emissoras de rádio e locais para que as bandas pudessem tocar, como clubes e pequenos teatros", detalha Herom Vargas, doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e professor da USCS (Universidade de São Caetano) e Metodista.

De acordo com Vargas, o rock é caracterizado pelo teor de rebeldia, seja comportamental, cultural, estética ou política. "Em alguma medida, temos conteúdo de denúncia. Na ditadura, o cunho social nas letras era mais solicitado. Agora, vemos algumas mudanças. As músicas são mais de amor. Ainda existem críticas, mas, na década de 1980, essa característica era muito mais explícita".

COM A CORDA TODA

Entre os subgêneros do rock, o punk se destacou na região. Criado na Inglaterra, durante o governo da primeira ministra Margaret Thatcher, que fez o país passar por processos de desindustrialização, esse estilo se baseou no rock de garagem, com batidas agressivas e letras que questionam o "sistema".

"A Inglaterra se tornou um país onde as pessoas não enxergavam o futuro. Esses ventos do rock mais contestador atingiram parte dos jovens brasileiros. O Brasil passava pelo período final da ditadura e a crescente dos movimentos contra a opressão, como as lutas pela anistia e Diretas Já. A necessidade de você, enquanto adolescente, questionar a situação em que vive é algo natural. O punk rock vem como uma luva", relembra José Rodrigues Mao Júnior, doutor em História Econômica pela USP (Universidade de São Paulo).

Além de ser professor desde 1988, Mao fala com propriedade sobre a importância da região para o cenário musical. Ele influenciou - e ainda influencia- gerações desde a fundação da banda Garotos Podres, em Mauá. Na época, em 1982, aos 19 anos, o morador do Bairro Matriz se juntou com colegas para dar voz à indignação que sentia.

"O Grande ABC era o olho do furacão. Uma das forças políticas que questionavam a ditadura era o movimento operário na região, especialmente os metalúrgicos nas grandes greves de 1979 e 1980. Eu estudava na Etec (Escola Técnica Estadual) Lauro Gomes e matava aula para ver greve. Nós, que éramos jovens na época, víamos o punk rock como algo muito atrativo para resistir contra uma sociedade extremamente autoritária."

Os ensaios na garagem da casa de um dos integrantes que morava na Vila Noêmia, em Mauá, resultaram no primeiro show da banda, no Festival do Fundo de Greve dos Metalúrgicos do ABC, no Teatro Municipal de Santo André, em 1983. O primeiro álbum (Mais Podre Do Que Nunca, gravadora Rocker) veio em 1985, durante a Nova República.

CENSURADOS

No governo de José Sarney, em 1988, a música Batman foi proibida de exibição pública pela Divisão de Censura de Diversões Públicas da PF (Polícia Federal). "A gravadora recorreu à proibição. A PF aumentou a pena e a música não poderia nem entrar no disco. Recorremos em Brasília e nosso recurso foi julgado em 4 de outubro de 1988. Eles mantiveram. No dia seguinte, entrou em vigor a nova constituição, que aboliu a censura prévia. Batman é a última música censurada pela PF no Brasil."

De forma inevitável, após tantas transformações, influências e opressões, o rock sobrevive. Com o passar dos anos, a contestação dos costumes e posicionamentos sociais ainda existe e não consegue ser dissociada de um gênero musical que emerge da rebeldia. "O rock tem o poder de incomodar e fazer com que as pessoas se mexam. Essa geração inicial do punk rock, através da transgressão estética e cultural, abriu caminhos para que as pessoas sejam um pouco mais livres hoje - coisa que, no início dos anos de 1980, era inimaginável", avalia Mao.

Faísca do rock se mantém acesa no Grande ABC

A história e força do rock continuam marcadas nas ruas e avenidas do Grande ABC. Em Santo André, por exemplo, dois locais atraem aqueles que amam esse gênero musical. Para Mao, vocalista e fundador do Garotos Podres, a loja Metal Music, agora localizada na Rua Álvares de Azevedo, é pioneira na região e antigo ponto de encontro para quem curte punk, heavy metal, pop rock, entre outros subgêneros.

"Lembro quando a Metal ficava na Galeria do Carmo (próxima a Catedral de Nossa Senhora do Carmo, no Centro de Santo André). Ao lado, tinha a loja Vaticano. O pessoal não precisava ir à Capital para ter acesso aos vinis e camisetas. Tinha gente que pensava que era ruim ter dois comércios do mesmo estilo um do lado do outro, mas os donos eram amigos." Em 2024, a Metal Music, fundada por Jean Gantinis, completa 40 anos.

Também no centro da cidade, outro espaço se destaca: o Santo Rock Bar, na Avenida Firestone, 1.340. "O Grande ABC sempre teve uma veia rock. Tivemos emissoras de rádios aqui, como a FM 97. Hoje existe uma cena musical grande que atrai cada vez mais público. As pessoas têm alguns esteriótipos e acreditam que todo show de rock tem que participar de mosh (rodas de punk). Com a informação, é mais comum que novas pessoas conheçam e gostem dos artistas desse gênero", declara Wagner Cândido, 33, que fundou o Santo Rock Bar em 2016. "Antigamente éramos um pub. Nosso foco é a música ao vivo. Chamamos artistas que cantam produções autorais ou covers."

O último show do Canisso, baixista do Raimundos, no Grande ABC foi no Santo Rock. Por fim de semana, cerca de 1.200 pessoas visitam o espaço.

BM

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Diário do Grande ABC

Seção: Setecidades **Pagina:** 1

Copyright © Clipclap 2025.